



A RELIGIÃO DOS SAMURAI

Kaiten Nukariya

Tradução
CARMEM QUEIROZ

大有
TAHYU

Índice

INTRODUÇÃO.....	9
I. HISTÓRIA DO ZEN NA CHINA	13
1. A Origem do Zen na China	13
2. Bodhidharma Introduz o Zen na China	14
3. Bodhidharma e o Imperador Wu	14
4. Bodhidharma e seu Sucessor, o Segundo Patriarca	16
5. Os Discípulos de Bodhidharma e a Transmissão da Lei	17
6. O Segundo e o Terceiro Patriarcas	17
7. O Quarto Patriarca e o Imperador Tai Tsung (Taiso)	18
8. O Quinto e o Sexto Patriarcas	19
9. A Realização Espiritual do Sexto Patriarca	20
10. A Fuga do Sexto Patriarca	21
11. O Desenvolvimento da Escola do Sul e da Escola do Norte do Zen	21
12. A Atividade Missionária do Sexto Patriarca	22
13. Os Discípulos do Sexto Patriarca	23
14. Os Três Elementos Importantes do Zen	24
15. A Decadência do Zen	25
II. HISTÓRIA DO ZEN NO JAPÃO	27
1. O Estabelecimento da Escola Rinzái do Zen no Japão	27
2. A Introdução da Escola Soto do Zen	28
3. As Características do Dogén, o Fundador da Escola Soto Japonesa	29
4. O Estado Social do Japão Quando Eisái e Dogén Estabeleceram o Zen	31
5. As Semelhanças Entre os Monges Zen e os Samurais	31
6. A Honrada Pobreza dos Monges Zen e dos Samurais	32
7. A Virilidade dos Monges Zen e dos Samurais	33
8. A Coragem e a Tranqüilidade de Ânimo dos Monges Zen e dos Samurais	35
9. O Zen e os Generais Regentes do Período Hojo	36
10. O Zen Depois da Queda da Regência dos Hojo	37
11. O Zen na Alta Idade Média	38
12. O Zen Sob o Shogunato Tokugawa	39
13. O Zen Depois da Restauração	41
III. O UNIVERSO DAS ESCRITURAS DO ZEN	42
1. As Escrituras Não São Mais que um Amontoado de Papel Inútil	42
2. O Zen Não Depende das Escrituras Sagradas	43
3. A Explicação Usual do Cânone	44
4. Os Sutras Utilizados pelos Mestres Zen	46
5. Um Sutra tão Grande Como o Mundo Inteiro	49
6. As Grandes Personalidades e a Natureza	50
7. O Absoluto e a Realidade são uma Pura Abstração	51
8. O Sermão Sobre as Coisas Inanimadas	52

IV. BUDA, O ESPÍRITO UNIVERSAL	54
1. O Antigo Panteão Budista	54
2. O Zen é Iconoclasta	55
3. O Buda é Inominável	56
4. O Buda, a Vida Universal	57
5. A Vida e a Mudança	59
6. A Visão Pessimista dos Hindus da Antigüidade	60
7. O Hinayanismo e Sua Doutrina	61
8. A Mudança Vista pelo Zen	62
9. A Vida e a Mudança	63
10. A Vida, a Mudança e a Esperança	64
11. Segundo o Zen, Tudo Está Vivo	65
12. A Força Criativa da Natureza e a Humanidade	66
13. A Vida Universal é o Espírito Universal	66
14. A Intuição Poética e o Zen	67
15. A Consciência Iluminada	68
16. O Buda Mora na Mente Individual	69
17. A Consciência Iluminada não é uma Perfeição Intelectual	70
18. Nossa Idéia do Buda Não é Definitiva	70
19. Como se Deve Venerar o Buda	71
V. A NATUREZA DO SER HUMANO	73
1. Segundo Mencio, o Ser Humano é Bom por Natureza	73
2. Segundo Siün Tzu (Junshi), o Ser Humano é Mau por Natureza	74
3. Segundo Yan Hiung, o Ser Humano é tão Bom como Mau por Natureza	75
4. Segundo Su Shih(Soshoku), o Ser Humano Não é nem Bom, nem Mau por Natureza	75
5. Não Existe Nenhum Mortal que Seja Totalmente Moral	76
6. Não Existe Nenhum Mortal que Não Seja Moral ou que Seja Totalmente Imoral ..	77
7. Onde Reside o Erro?	77
8. O Ser Humano Não é Bom nem Mau por Natureza, Mas Sim Possui a Natureza Búdica	79
9. A Parábola do Ladrão Kih	80
10. Wang Yang Ming (Oyomei) e o Ladrão	80
11. As Pessoas Más São Boas no Interior de Suas Cascas	81
12. As Pessoas Virtuosas e as Pessoas Vulgares	82
13. A Teoria da Natureza Búdica Explica os Estados Éticos do Ser Humano	83
14. A Natureza Búdica é a Fonte Comum da Moralidade	84
15. A Parábola do Bêbado	85
16. O Buda Sakiamuni e o Filho Pródigo	86
17. A Parábola do Monge e da Mulher Néscia	87
18. “Cada Sorriso é um Hino, Cada Palavra Afetuosa, uma Oração”	88
19. O Mundo Continua Construindo-se	88
20. O Progresso e a Esperança de uma Vida Melhor	89
21. A Melhora da Vida	91
22. A Compaixão do Buda	92

VI. A ILUMINAÇÃO	93
1. A Iluminação está Além da Descrição e da Análise	93
2. A Iluminação Implica Penetrar a Natureza do Eu	94
3. Crer na Imortalidade da Alma é Irracional	96
4. A Idéia do Eu Posta à Análise	97
5. A Natureza é a Mãe de Todas as Coisas	99
6. O Verdadeiro Eu	100
7. O Despertar da Sabedoria mais Íntima	101
8. O Zen não é Niilista	102
9. O Zen e o Idealismo	103
10. O Idealismo é um Potente Medicamento para a Doença Mental que Nós Criamos	104
11. O Ceticismo Idealista com Relação à Realidade Objetiva	105
12. O Ceticismo Idealista com Relação à Religião e à Moralidade	106
13. A Ilusão Relacionada com as Aparências e a Realidade	107
14. Onde se Encontra a Raiz da Ilusão	108
15. A Coisa em Si Mesma Significa a Coisa Sem um Conhecedor	110
16. As Quatro Alternativas e os Cinco Graus	111
17. O Personalismo de B. P. Bowne	113
18. Todos os Mundos nas Dez Direções são a Terra Pura do Buda	115
VII. A VIDA	117
1. O Epicurismo e a Vida	117
2. Os Erros dos Pessimistas Filosóficos e dos Otimistas Religiosos	119
3. A Lei do Equilíbrio	121
4. A Vida Compõe-se de Conflitos	121
5. O Mistério da Vida	123
6. A Natureza não Favorece Ninguém em Particular	123
7. A Lei do Equilíbrio na Vida	125
8. A Aplicação da Lei da Causalidade e da Moralidade	126
9. A Retribuição nas Vidas Passada, Presente e Futura	130
10. A Vida Eterna tal como a Ensinava o Professor Münsterberg	130
11. A Vida Concreta	132
12. As Dificuldades Não São Nenhum Problema para os Otimistas	133
13. Faze Tudo Quanto Possas e Deixa que a Providência Encarregue-se do Resto	135
VIII. O TREINAMENTO DA MENTE E A PRÁTICA DA MEDITAÇÃO	137
1. O Método de Instrução Adotado pelos Mestres Zen	137
2. O Primeiro Passo do Treinamento Mental	139
3. O Segundo Passo do Treinamento Mental	140
4. O Terceiro Passo do Treinamento Mental	142
5. O Zazén ou a Meditação Sedente	145
6. Os Exercícios Respiratórios dos Yoguis	147
7. A Quietude da Mente	148
8. O Zazén e o Esquecimento do Eu	149
9. O Zen e os Poderes Sobrenaturais	149
10. O Verdadeiro Dhiana	152
11. Abandona Teus Pensamentos Inúteis	153

12. Os Cinco Ranques dos Méritos	155
13. As Dez Imagens do Vaqueiro	156
14. O Zen e o Nirvana	160
15. A Natureza e Sua Lição	160
16. A Beatitude do Zen	161
APÊNDICE - A ORIGEM DO HOMEM (GÊNESE)	165
PREFÁCIO	167
A ORIGEM DO HOMEM – INTRODUÇÃO	169
I. REFUTAÇÃO DO ILUSÓRIO E DO PREJULGADO – DOCTRINA	172
II. REFUTAÇÃO DO INCOMPLETO E DO SUPERFICIAL – DOCTRINA	176
1. A Doutrina Concebida para os Humanos e os Devas	176
2. A Doutrina dos Hinayanistas	178
3. A Doutrina Mahayana do Dharmalaksana	180
4. A Doutrina Mahayana dos Nilistas	181
III. EXPLICAÇÃO DIRETA DA VERDADEIRA ORIGEM	184
1. A Doutrina Ekayana que Ensina a Realidade Última	184
IV. CONCILIAÇÃO DA DOCTRINA TEMPORAL COM A ETERNA	186
NOTAS	190

Introdução

O Budismo pode ser dividido geograficamente em duas escolas:¹ a Escola do Sul e a Escola do Norte. A mais antiga e simples é a Escola do Sul, baseada principalmente em textos em páli*² e conhecida como Hinayana³ (o pequeno veículo) ou a doutrina inferior. A Escola do Norte, conhecida como Mahayana (o grande veículo) ou a doutrina superior, é baseada em diversos textos sânscritos.⁴ Posterior à Escola do Sul, tem sua fé mais desenvolvida. Os estudiosos da cultura oriental conhecem tão bem os princípios fundamentais da Escola do Sul que, ao falar de Budismo, quase sempre estão referindo-se a esta escola. Por outro lado, a Escola do Norte é pouco conhecida no Ocidente porque a maior parte dos textos originais perderam-se e os ensinamentos baseados neles estão escritos em chinês, tibetano ou japonês, línguas que não são dominadas pelos pesquisadores não budistas.

Não seria justo resumir todo o sistema do Budismo com o único epíteto⁵ de *pessimista* ou *niilista*, pois, desde que foi adotado, durante cerca de dois mil e quinhentos anos, tanto por tribos selvagens como por nações civilizadas, tanto por pessoas tranqüilas e frágeis como por multidões guerreiras e fortes, foi desenvolvendo crenças muito divergentes e até inteiramente opostas. Mesmo no Japão, o Budismo chegou a dividir-se em treze escolas principais e em quarenta e quatro subescolas⁶, entretanto, mantém todo o seu vigor, embora em outros países não esteja vivendo sua melhor época. Assim sendo, o

* N. da T.: Páli – língua indo-européia (língua morta) pertencente ao grupo sânscrito. Os primeiros textos escritos nessa língua são os cânones dos budistas e, como língua veicular do Budismo, ela, que é originária do Norte, espalhou-se por toda a Índia, o Sri Lanka e outros países do Sudeste da Índia.



Introdução

Japão é o melhor representante dos países budistas, sendo que a maior parte de seus habitantes regem-se pelos princípios da Escola do Norte. Estudar sua religião significa, portanto, penetrar no Mahayanismo, que continua sendo um terreno desconhecido para as mentes ocidentais. E investigar sua fé não significa desenterrar os restos da fé budista que existiu há vinte séculos, mas sim sentir o coração e a alma do Mahayanismo, pois, atualmente, é isso que anima seus seguidores.

O objetivo deste livro é mostrar que a visão mahayana da vida e do mundo é muito diferente da hinayana — é sobre o que os ocidentais costumam referir-se quando falam de Budismo — para poder explicar de que modo a religião de Buda foi adaptando-se ao seu entorno no Extremo Oriente e também para lançar luz sobre o estado em que se encontra a vida espiritual do Japão moderno.

Com esse intuito, foram citadas as treze escolas japonesas de tradição zen,⁷ não somente pela forte influência que esta exerceu sobre a nação, mas também pela posição única que mantém entre os sistemas religiosos estabelecidos no mundo.



Em primeiro lugar, a tradição zen é tão antiga quanto o Budismo e até mais, já que sua maneira de praticar a meditação vem sendo transmitida, na realidade, sem introduzir mudança alguma desde os eremitãos pré-budistas da Índia; por essa razão, pode oferecer aos estudantes das religiões comparadas um tema interessante para sua investigação.

Em segundo lugar, apesar da sua antigüidade histórica, as idéias abrigadas por seus defensores são tão novas que estão em harmonia com as dos Novos Budistas;⁸ por conseguinte, a exposição dessas idéias pode servir como uma explicação do atual movimento dirigido pelos reformadores do Budismo japonês, jovens e capazes.

Em terceiro lugar, as confissões budistas, da mesma forma como ocorre com as não budistas, insistiam na fiel fonte das escrituras, mas o zen se revela baseando-se no conceito de que as palavras ou os caracteres nunca podem expressar adequadamente a verdade religiosa, a qual somente pode alcançar-se por meio da mente; portanto, afirma que a verdade religiosa que o Buda Sakiamuni alcançou em sua Iluminação não foi sendo transmitida por meio de palavras nem de textos das escrituras, mas passada da mente dos mestres para a mente dos discípulos ao longo da linha de transmissão até os dias de hoje. Em toda a história das religiões do mundo é um caso único o fato de tanto os mestres zen como os religiosos terem declarado que as sagradas escrituras não são mais que montões de papel que não servem para nada.⁹

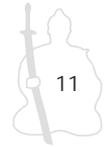
A RELIGIÃO DOS SAMURAI

Em quarto lugar, tanto a religião budista quanto a não budista consideram que todos os seus fundadores, sem exceção, são seres sobrenaturais; os praticantes do zen, por outro lado, consideram Buda como seu antecessor e aspiram, com toda certeza, a alcançar seu mesmo nível espiritual. Além disso, comparam aquele que se apega à elevada posição da Budeidade com uma pessoa presa por uma corrente de ouro e se compadecem de seu estado de escravidão. Alguns deles, inclusive, chegaram a declarar que os Budas e os Bodhisatvas eram seus criados e escravos.¹⁰ Esse tipo de atitude dos religiosos não se encontra em nenhuma outra religião.

Em quinto lugar, mesmo que os não budistas costumassem dizer que o Budismo era uma idolatria, o zen nunca pode chamar-se desse modo no sentido estrito da palavra, porque, ao ter uma suprema idéia da Deidade, está muito longe de ser uma forma de idolatria, pelo contrário, em algumas ocasiões, inclusive, chegou a adotar uma atitude iconoclasta como o ilustra Tan-hsia,¹¹ que durante seus anos de peregrinação, numa fria manhã, pegou do altar de um templo zen uma estátua de madeira de Buda e fez com ela uma fogueira para esquentar-se. Portanto, a exposição que se fará sobre este ponto mostrará a verdadeira situação do Budismo existente e servirá para destruir os preconceitos religiosos que foram estabelecidos contra ele.

Em sexto lugar, o zen tem outra característica que não se encontra em nenhuma outra religião, que é a sua forma peculiar de expressar uma profunda visão religiosa, com ações como a de levantar um leque espanta-moscas, dar uns golpezinhos em uma cadeira com um bastão ou lançar um grito e outras coisas parecidas. Esta característica oferece aos estudantes de religião um maravilhoso exemplo das diferentes formas de religião que foram aparecendo ao longo de sua evolução.

Além dessas características, o zen é famoso por seu treinamento físico e mental. Já se comprovou que, ao praticar diariamente *zazen*¹² e realizar os exercícios respiratórios desta tradição, o estado físico do indivíduo melhora notavelmente. E a história demonstra que a maioria dos mestres zen desfrutou de uma existência longa, apesar da vida extremamente simples que levavam. A disciplina mental do zen, no entanto, é muito mais proveitosa, se adequada, já que equilibra a mente fazendo com que o indivíduo não seja nem apaixonado, nem indiferente, nem astuto, nem incompetente, nem hipersensível, nem insensível. É um conhecido remédio para toda a classe de transtornos mentais derivados de problemas nervosos, as-



Introdução

sim como um alimento para o cérebro fatigado e um estímulo para o torpor e a preguiça. Fomenta o autocontrole, subjuga paixões tão perniciosas como a ira, a inveja, o ódio e outras similares e desperta emoções como a empatia, a compaixão, a generosidade, entre outras. É uma forma de iluminação, já que dissipa a ilusão e as dúvidas e, ao mesmo tempo, aniquila o egoísmo, destrói os desejos pouco saudáveis, eleva os ideais morais e revela a sabedoria inata.

A importância histórica do zen é inegável. Depois de sua introdução na China, no século VI, foi progredindo ao longo das dinastias Sui (598-617) e Tang (618-906) e, durante o período das dinastias Sung (976-1126) e Sung do Sul (1127-1367), desfrutou de mais popularidade que qualquer outra escola budista. Naquela época, sua proeminente influência tornou-se tão irresistível que o Confucionismo, depois de assimilar os ensinamentos budistas, sobretudo os do zen, e mudar seu aspecto por completo, criou a chamada filosofia especulativa.¹³ E na dinastia Ming (1368-1659), Wang Yang Ming,¹⁴ um célebre erudito confuciano, adotou as principais doutrinas zen e fundou uma escola por meio da qual o zen exerceu uma profunda influência sobre escritores, políticos e soldados chineses e japoneses. Quanto ao Japão, o zen começou a introduzir-se na ilha como religião dos samurais ou da classe militar e configurou o caráter de muitos soldados que se sobressaíram, cujas vidas adornam as páginas de sua história. Mais tarde, pouco a pouco, foi chegando tanto nos palácios como nos lares mais modestos por meio da literatura e da arte e, finalmente, acabou impregnando por completo a vida nacional. O Japão moderno, em especial da época posterior à guerra russo-japonesa, reconheceu o zen como a doutrina ideal para as novas gerações.



I

História do Zen na China

1. A Origem do Zen na China

Atualmente, o zen como fé viva só é encontrado em sua forma mais pura entre os budistas japoneses. Já não é encontrado no chamado Evangelho de Buda, da mesma forma que já não se pode encontrar o unitarismo no Pentateuco; tampouco na China, nem na Índia, da mesma forma que a vida não pode ser encontrada nos fósseis. Porém, sem dúvida alguma, suas pegadas podem ser seguidas até a época do Buda Sakiamuni e também até os tempos pré-budistas, porque os mestres bramânicos já praticavam o dhiana ou meditação¹⁵ em uma época anterior. Porém, inclusive os monges, cedo,¹⁶ caracterizaram o zen bramânico como o zen heterodoxo e o diferenciaram do ensinado pelo Buda. Nosso zen surgiu do estado de Iluminação que Sakiamuni alcançou aos trinta anos, enquanto estava sentado absorto em uma profunda meditação, ao pé da árvore da Bodhi. Fala-se que foi então, quando abriu os olhos diante da verdade perfeita, que ele declarou: “Todos os seres animados e inanimados iluminaram-se ao mesmo tempo”. Segundo a tradição¹⁷ desta escola, o Buda Sakiamuni transmitiu sua misteriosa doutrina de mente a mente a Mahakashyapa, seu mais antigo discípulo na assembléia que se congregou no Monte do Buitre. Desde então, este discípulo do Buda ficou consagrado como primeiro patriarca, que por sua vez transmitiu a doutrina a Ananda, o segundo patriarca, e assim sucessivamente, até chegar a Bodhidharma, o vigésimo oitavo patriarca.¹⁸



História do Zen na China

Ainda que não se analise o valor histórico desta tradição, vale a pena observar que a lista dos nomes desses vinte e oito patriarcas contém muitos eminentes eruditos do Mahayanismo ou da escola posterior ao Budismo, como Anabodi,¹⁹ Nagarjuna,²⁰ Kanadeva²¹ e Vasubandhu.²²

2. Bodhidharma Introduz o Zen na China

Quando Bodhidharma chegou à China vindo do Sul da Índia no ano 520,²³ teve lugar um acontecimento fundamental da história budista da China: Bodhidharma não introduziu no país escrituras mortas como ocorrera no passado em repetidas ocasiões, mas sim uma fé viva; não uma doutrina teórica, mas sim a prática da Iluminação; não as relíquias do Buda, mas sim o mesmo espírito de Sakiamuni; de modo que a posição de Bodhidharma como representativa do zen foi única. Ele, entretanto, não se dirigiu à China como um missionário que espera ser bem recebido, mas sim, ao chegar, comportou-se de uma forma totalmente diversa daquela que um pastor moderno trataria seu rebanho. Suponho que foi um mestre religioso diferente, em todos os sentidos, de um missionário cristão dos nossos tempos, que sorriria ou tentaria sorrir para cada rosto que com ele se encontrasse e lhe falaria com amabilidade. Bodhidharma, ao contrário, não sorria a ninguém, mas sim os focava olhando fixamente com seus grandes e brilhantes olhos, que penetravam até o fundo da alma. Um missionário mostraria um aspecto impecável, estaria barbeado, penteado, escovado, limpo, hidratado e perfumado, entretanto, Bodhidharma era totalmente indiferente ao seu aspecto e sempre vestia uma desgastada túnica amarela. Um missionário comporia seu sermão com o maior dos cuidados, empregando a arte da retórica e falando com força e elegância, por outro lado, Bodhidharma sentava-se sem nenhuma cerimônia e não abria a boca, e se alguém se aproximava para fazer-lhe uma pergunta estúpida, mandava-o passear.



3. Bodhidharma e o Imperador Wu

Quando Bodhidharma, após viajar de barco, chegou a Kuang Cheu, no Sul da China, o imperador Wu,²⁴ um entusiasta budista e grande erudito, convidou-o para ir à capital de Ching Lang, cidade onde residia. Uma vez ali, mandou chamá-lo e lhe perguntou: “Fiz construir templos e copiar escrituras sagradas e ordenei aos monges

e monjas que se convertessem ao Budismo. Ganhei com esta conduta algum mérito para minha existência posterior?” O mais provável é que o real anfitrião esperava que o novo convidado pronunciasse uma agradável e adulatora resposta elogiando as virtudes do imperador e prometendo-lhe umas celestiais recompensas, porém, o brâmane de olhos azuis respondeu-lhe secamente: “Nenhuma”.

A inesperada resposta deve ter envergonhado o imperador e despertado muitas dúvidas nele, já que somente conhecia as doutrinas das escolas budistas ortodoxas. “Por que não adquiri nenhum mérito?” — pensava provavelmente em seu foro íntimo — “Por que não serviu para nada? Como se atreve a afirmar que não adquiri nenhum mérito? Que texto sagrado pode citar-me para justificar sua afirmação? Que entende sobre as diferentes doutrinas ensinadas pelo Buda Sakiamuni? Qual é, segundo ele, o princípio mais importante do Budismo?” Perdido em todos estes pensamentos, perguntou-lhe: “Qual é a sagrada verdade e o princípio mais importante?” A segunda resposta que recebeu foi tão surpreendente como a primeira: “A expansão do vazio. Nada de sagrado”. A resposta do mestre deixou o coroadado totalmente perplexo. Talvez tenha pensado: “Por que disse nada de sagrado? Acaso as escrituras não afirmam que existem pessoas sagradas, verdades sagradas, caminhos sagrados? Não é o mesmo que uma pessoa sagrada?” “Quem é, pois, que está diante de nós?”, perguntou de novo o monarca. “Não sei”, respondeu-lhe laconicamente Bodhidharma, que agora compreendia estar sua nova fé além da compreensão do imperador.

Os coelhos não podem confraternizar com os elefantes. A estreita ortodoxia não pode dar as passadas elefantinas do zen. Não é de estranhar, portanto, que Bodhidharma abandonasse não só o palácio do imperador Wu, mas também o estado dos Liang para ir ao dos Wei do Norte.²⁵ Uma vez ali, residiu no monastério Saholín²⁶ durante nove anos, a maior parte dos quais passou meditando, em silêncio, com o rosto de frente para uma parede rochosa, pelo que ganhou o nome de “o brâmane de rosto para a parede”. O próprio nome sugere que seus contemporâneos não apreciavam a importância da sua missão. Porém, eles não tinham nenhuma culpa, já que a importância do leão só pode ser apreciada pelo próprio leão. Um grande personagem não é menos importante pelo fato de ser impopular, da mesma forma que o grande Pang²⁷ não é menos maravilhoso pelo fato de não gozar de popularidade entre as criaturas aladas. Porém, apesar de sua impopularidade, os budistas da época

